

**ADAPTAÇÕES DE OBRAS LITERÁRIAS PARA O CINEMA
E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Raniere Nunes da Silva (UEMASUL)

rntj29@hotmail.com

Gilberto Freire de Santana (UEMASUL)

gilbertofreiredesantana@hotmail.com

Matheus Carvalho Lima (UEMASUL)

mc420089@gmail.com

RESUMO

Por meio da relação entre literatura e cinema é possível identificar formas de interação entre leitura e exibição. Em se tratando de adaptações filmicas é possível identificar as rupturas que esse discurso provoca, ora pela cobrança da fidelidade ao texto escrito e ora pelo discurso da supremacia de uma arte em detrimento a outra. A partir dessa discussão, busca-se apontar de que forma as adaptações literárias para o cinema podem incentivar a leitura e contribuir para formação do leitor.

Palavras-chave:

Adaptação filmica. Formação de leitores. Literatura e cinema

ABSTRACT

Through the relationship between literature and cinema, it is possible to identify forms of interaction between reading and exhibition. In the case of filmic adaptations, it is possible to identify the ruptures that this discourse causes, sometimes by demanding fidelity to the written text and sometimes by the discourse of the supremacy of one art over another. From this discussion, we seek to point out how literary adaptations for cinema can encourage reading and contribute to the formation of the reader.

Keywords:

Film adaptation. Reader training. Literature and cinema

1. Introdução

O ato de ler vai além de apenas decodificar códigos linguísticos, ele traz consigo a visão de mundo do autor, suas experiências culturais que posteriormente se reconfiguram com a realidade do leitor ao ter contato com sua obra. No campo da educação, as escolas ainda adotam como elemento tradicional para formação leitora dos alunos o uso de livros impressos.

A consagração do suporte livro no processo de aprendizagem em

nosso imaginário legitimou-se em detrimento de outros suportes como vídeo, *internet*, obras de arte, televisão e outras produções culturais. Assim, concebemos o texto escrito em destaque a outros formatos de leitura.

A partir da tríade obra literária, cinema e leitura surgem alguns questionamentos que são pertinentes para pensarmos até que ponto o uso dos filmes como recurso pedagógico e formativo contribui para formação do leitor sobretudo aquele que nunca teve contato com texto escrito adaptado. De que maneira as adaptações literárias para o cinema incentivam a leitura? E como essa convergência entre texto e imagem ressignificam o ato de ler?

Este estudo tem por objetivos discutir questões sobre adaptações de obras literárias e sua importância para formação do leitor; refletir sobre adaptação obras literárias para o cinema ressaltando como os elementos encontrados na literatura dialogam com os elementos encontrados nos filmes; Discutir ainda como o ato de ler pode ser ressignificado a partir da imagem em movimento.

2. *Literatura e cinema: um dialogismo possível*

A leitura está ligada ao ser humano em suas variadas formas e contextos, Freire (2003) enfatiza que a leitura do mundo antecede da leitura da palavra ressaltando a importância do mundo, das pessoas, do cotidiano e de suas experiências. Dessa forma, algumas leituras precedem as outras mudando o significado para o leitor. Por meio da leitura, pode-se conhecer realidades antes distantes e apropriar-se de informações para enriquecer o nosso intelecto.

A pesquisa Retratos da Leitura⁷⁵ publicada no ano de 2016 mostra que os maiores incentivadores para formação de leitores são, por ordem de influência: em primeiro lugar a mãe, depois a escola, e na sequência o bibliotecário ou outro.

Guaralha (2007), relaciona a literatura com o cinema deixando claro como essa junção evoca a imaginação do leitor e desperta sensações semelhantes à do texto escrito:

⁷⁵ Essa pesquisa é idealizada pelo Instituto Pró-Livro. Sua primeira edição foi lançada em 2001 e é uma visão do mercado editorial brasileiro sobre o comportamento leitor.

A sondagem psicológica que o discurso literário permite não é possível de ser traduzida em imagens concretas. Além disso, as viagens imaginárias propostas verbalmente por um romance consolidam-se, instantânea e gratuitamente, na imaginação do leitor. Entretanto, o cineasta dispõe de uma linguagem mista, pois serve-se da comunicação visual, a imagem em movimento e a montagem dessas imagens; da comunicação sonora, que se compõe não apenas da trilha musical, mas também dos ruídos incidentais, que ajudam a “comentar” as imagens; e da comunicação verbal, composta por textos falados e escritos. Além disso, a imagem é enriquecida por uma série de outros recursos e elementos que propõem um tipo de leitura. (GUARANHA, 2007, p. 26)

O filme por sua vez agrega variados elementos contribuindo para que o sujeito aguce de forma mais detalhada suas percepções utilizando-se de sons, música, interpretação das falas, imagens entre outros. Dentro dessa lógica García Canclini (2008, p. 24) ressalta “Os jovens adquirem nas telas extra-curriculares uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento se combinam. Também se aprende a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta”. O sujeito para García Canclini adquire uma outra postura frente a essa combinação de papéis permitindo com o que ele seja visto de várias formas e, conseqüentemente, se apropriando de mais conteúdos e conhecimento.

O diálogo entre cinema e adaptação de obras literárias tem se tornado cada vez mais frequente. Grandes produções cinematográficas dão vida ao que estava apenas no imaginário do leitor sobre as obras literárias de seu gosto.

Por muito tempo a literatura manteve-se isolada dentro do campo literário, quase não se percebia a sua relação com as demais manifestações artísticas, como afirma Figueiredo (2010). É a partir das adaptações fílmicas que esse cenário se modifica na história da arte, pois oportuniza a junção de duas artes distintas, mas que podem ser exploradas ainda mais quando se unem e produzem a obra fílmica. É notório que as experiências entre o ler e o assistir são distintas, entretanto, ambas são relevantes para o fazer artístico à medida que aproximam autores, artistas e público. Nas adaptações fílmicas, observa-se que as fronteiras entre literatura e cinema são diluídas, culminando na junção de duas artes que se completam nos textos e nas telas.

A experiência da leitura e do assistir, sem dúvidas, são distintas, sendo assim fica evidente as nuances entre ambas. Essa distinção se dá pela própria experiência conferida ao leitor do texto e ao leitor da imagem, que divergem no tempo, na interpretação, entre outros aspectos. Para tanto, é preciso que seja desmitificada a supremacia do texto escrito

em detrimento da obra fílmica, uma vez que todas têm a sua relevância no campo artístico e cultural. O texto escrito exige uma experiência ativa do leitor ao permitir que todas as cenas aconteçam no seu imaginário, como a descrição física dos personagens, o ambiente em que eles estão inseridos, seus movimentos, suas ações, todos esses acontecimentos ganham vida na mente do sujeito. Assim, as adaptações fílmicas ganham destaque ampliando as expectativas do leitor, aquele que consome a obra fílmica imbuído ou não pela obra literária.

Dentro dessa perceptiva de adaptação das obras literárias para o cinema muito se discute sobre até que ponto a narrativa ou o ponto de vista do autor/cineasta dialogam entre si coroadando ou não uma fidedignidade que hierarquiza o texto sobre a película. Stam (2006), esclarece que essa relação de inferioridade ou superioridade se dá por diversos preconceitos oriundos primeiramente de más adaptações e, por conseguinte pela especulação de alguns valores atribuídos ao texto escrito frente a obra adaptada. Nesse sentido Xavier (2003) diz:

A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nele implicados, julgados em seu próprio direito. Afinal, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não tem exatamente e mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto, inclusive atualizando a pautas do livro, mesmo quando o objetivo é a identificação com os valores nele expressos. (XAVIER, 2003 p. 62)

Stam (2006), relaciona de modo igualitário tanto as obras literárias (texto escrito) quanto suas adaptações para o cinema e enfatiza que o texto escrito deixa lacunas em sua estrutura que são levadas em consideração nas adaptações fílmicas “As adaptações, neste sentido, exercem função complementar dessa lacuna proporcionada pela obra literária enquanto fonte, chamando a atenção para suas ausências estruturais”.

A justa posição debatida por Robert Stam entre texto literário e adaptações são legitimadas pela interdisciplinaridade das mídias antes fronteiriças, estabelecendo que:

Sob uma perspectiva cultural, a adaptação faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita, igualitárias. Dentro de um mundo extenso e inclusivo de imagens e simulações, a adaptação se torna apenas um outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo. (STAM, 2006, p. 24)

Duarte (2002) afirma que o cinema como prática social é tão im-

portante do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.

As narrativas dentro da obra literária e dentro da obra filmica são pensadas para que o leitor possa reconhecer determinados eventos permitindo com que ele aguçe sua percepção. Portanto, é importante que essa sequência narratológica seja discutida com a finalidade de reconhecer todo o plano da narrativa.

3. A narratologia filmica e a literária

Filme e obra adaptada em sua estrutura possuem diversos pontos que conversam e que se contrapõem, esse movimento entre a visão do escritor e a visão do cineasta, diretor ou roteirista permite com que a narrativa de uma obra se desloque de um eixo para o outro levando em consideração questões sociais, políticas, alterando dessa forma a narrativa do filme em detrimento a obra escrita.

Um dos elementos comuns e fundamentais que ambos apresentam é que tanto o texto quanto o filme tratam da história de alguém (personagem). Essa história está centrada em um determinado momento e tempo, embora algumas questões sejam aparentes é necessário levar em consideração que tanto a obra escrita quanto a adaptada (filme), são artes distintas e por esse motivo possuem regras próprias que perpassam pela sua produção e recepção por parte do leitor / espectador e a identidade que cada uma possui.

Rosp (1962), ao analisar a narrativa que advém da obra literária e da obra filmica enfatiza que ambas figuram ou não a imagem de um narrador, assim muitas vezes em um texto o narrador se evidencia e outras vezes esse mesmo narrador é desconhecido. No cinema essa semelhança se repete uma vez que a grande maioria dos filmes não possuem um narrador claro, e este posso ser assumir dois papéis ora como narrador-personagem, ora como narrador observador. Nesse aspecto tanto no cinema quanto na literatura o narrador pode ser ou autor ou o realizador da obra.

No cinema é possível constatar a existência do narrador implícito cinematográfico (aquele que lida diretamente com os elementos cinematográficos como som, imagem, figurino, montagem, cenário, excetuando a voz do personagem) enquanto que na obra escrita observa-se um narra-

dor implícito não cinematográfico (que é constituído a partir da voz do escritor do livro). Ainda sobre a relação da narrativa filmica e da obra literária, Stam (2006), esclarece que as narrativas para o cinema se apoiam na ideia do tempo que é discutida dentro do romance, bem como a relação entre os eventos narrados e a sequência de fatos com que os mesmos ocorrem.

Genette (1995), aponta para três categorias principais de narrativas que são trabalhadas pelos narratologistas do cinema: a ordem (se relaciona a sequência de determinado evento), a duração (determinar o tempo) e a frequência (a frequência com que determinado fato se mantém), outro aspecto trabalhado nas narrativas são as analepses e as prolepses que Stam (2006, p. 37) enfatiza:

Analepses são ainda divididas em analepses externas (histórias em flashback que voltam para um tempo anterior ao começo da narrativa principal) e analepses internas (que começam num ponto dentro da narrativa principal). Analepses misturadas começam num ponto anterior, mas flexionam ou invadem o “presente” da narrativa principal.

A relação entre todos esses elementos define o ritmo da narração e como ela é trabalhada dentro da literatura e dentro do cinema proporcionando ao leitor tanto do livro quanto o leitor / espectador da obra adaptada identifique e saiba se encontrar dentro do processo narrativo.

4. Considerações finais

Livros e filmes são obras artísticas e culturais que possuem uma significativa relevância em nossos dias, prova disso é que grande parte das obras literárias são adaptadas para o cinema. Isso se explica pelo viés mercadológico, mas também pela facilidade com que os filmes ganham grandes proporções atualmente.

Para formar leitores é preciso que um conjunto de atividades estejam envolvidas. Vivemos em uma sociedade em que o apego pelo livro impresso tem diminuído vertiginosamente, nesse contexto os filmes contribuem para fazer os leitores filmicos conhecerem a obra literária, por uma perspectiva diferente e com uma narrativa que pode diferir ou não da obra original.

No ambiente educacional grande parte dos materiais para dar suporte a leitura são materiais impressos. A junção entre literatura e cinema

desperta no leitor uma outra maneira de ler, criando assim um tipo de leitor que ao mesmo tempo é também um espectador. Entender que o cinema ajuda nas questões relativas ao ensino cria um novo cenário para se trabalhar as obras adaptadas em sala de aula.

Dentro da lógica cultural, o cinema e a literatura apontam para a mesma direção, mesmo que cada uma das artes tenham seus métodos e narrativas próprias. Espera-se que este estudo possibilite a discussão sobre a equiparação entre literatura e cinema e proporcione um novo olhar frente a forma de contribuir para o capital intelectual dos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Rosália. *Cinema & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 38. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Narrativas migrantes: literatura roteiro e cinema*. Rio de Janeiro: Puc Rio: 7Letras, 2010.

García Canclini, Néstor. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

GENETTE, Gérard. *O discurso da narrativa*. Trad. de Fernando Cabral Martins. 3 ed. Lisboa: Veja, 1995.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUARANHA, Manoel Francisco. Literatura e Cinema: da palavra à imagem adaptação e recriação. In: HAFFLER, Angélica...[et al.]. *Cinema, Literatura e História*. V. 2. São Paulo: UNI ABC, 2007. p. 25-27.

INSTITUTO pró livro. *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

LITERATURA encontros contemporâneos e cinema. In: ROSP, Rodrigo. *O narrador literário e cinematográfico em Manhattan, de Woody Allen*. Porto Alegre: Dublinense, 1969, p. 262-75

PELLEGRINI, Tânia et al. Televisão, Cinema e Literatura. In: XAVIER, Ismael. *Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no ci-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nema. São Paulo: Senac São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação*: da fidelidade à intertextualidade. Santa Catarina: UFSC, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/2175-8026.2006n51p19>.